

**Temas Abordados:** Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

**PUBLICAÇÃO: 03/02/2020**



## **Brasil é país da América Latina com maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos**

A Agência da ONU para Refugiados (ACNUR) cumprimentou nesta sexta-feira (31) o governo brasileiro pelo reconhecimento de cerca de 17 mil venezuelanos como refugiados. A decisão faz parte do procedimento facilitado de prima facie aprovado em dezembro de 2019 pelo Comitê Nacional para Refugiados (CONARE).

Desde que a primeira decisão do Comitê foi tomada, no início de dezembro, venezuelanas e venezuelanos solicitantes da condição de refugiado que atenderem aos critérios necessários terão seu procedimento acelerado, sem a necessidade de entrevista.

Com a decisão, foram considerados elegíveis para a condição de refugiado pessoas que tiveram até uma saída do Brasil desde 2016. Até o momento, mais de 37 mil venezuelanas e venezuelanos foram reconhecidos no Brasil, tornando-se o país com o maior número de refugiados venezuelanos reconhecidos na América Latina.

As pessoas não podem ter qualquer tipo de permissão de residência, devem ter mais de 18 anos, possuir um documento de identidade venezuelano e não ter antecedentes criminais.

Tal medida reforça o papel do Brasil na proteção de refugiados na região, e deriva do reconhecimento, em junho de 2019, da situação de grave e generalizada violação de direitos humanos na Venezuela, em linha com a Declaração de Cartagena de 1984 sobre os refugiados.

“O procedimento facilitado para o reconhecimento do status de refugiado é uma forma muito eficaz de garantir maior proteção a essas milhares de pessoas”, disse o representante do ACNUR no Brasil, José Egas, em Brasília. “Essa postura reforça o compromisso do governo brasileiro em garantir direitos às milhares de pessoas venezuelanas que buscam proteção no Brasil”, ressaltou.

## Contexto

O fluxo de venezuelanos e venezuelanas é o maior êxodo da história recente da América Latina e a ONU estima que mais de 4,7 milhões de pessoas já deixaram seu país de origem.

As autoridades brasileiras estimam que cerca de 264 mil venezuelanos vivem atualmente no país. Uma média de 500 venezuelanos continua a atravessar fronteira com o Brasil todos os dias, principalmente para o estado de Roraima.

Até o momento, mais de 768 mil solicitações de reconhecimento da condição de refugiado foram registradas por venezuelanos em todo o mundo, a maioria nos países da América Latina e no Caribe.

O ACNUR incentiva os governos da região a reconhecer a condição de refugiado de pessoas venezuelanas por meio de determinações baseadas em grupos – a mesma abordagem *prima facie* agora adotada pelo Brasil. Tal apelo se faz necessário, pois a magnitude do fluxo atual revela desafios complexos e pode sobrecarregar os sistemas nacionais para a determinação de condição de refugiado.

FONTE: <https://www.acnur.org/portugues/2020/01/31/brasil-torna-se-o-pais-com-maior-numero-de-refugiados-venezuelanos-reconhecidos-na-america-latina/>



## Estudo da OIM aponta que 2019 foi um ano mortal para migrantes cruzando as Américas

No ano passado, mais de 800 pessoas morreram ao atravessar desertos, rios e regiões remotas, enquanto migravam através das Américas. O dado tornou o ano de 2019 como o mais mortal de todos, revelou a Organização Internacional para as Migrações (OIM) na última terça (28).

Dados do Projeto de Migrantes Desaparecidos, coletados pelo Centro de Análise de Dados da OIM em Berlim, indicam que esse foi o maior número de mortes documentadas na região desde que a instituição começou a coletar dados, há seis anos. Desde 2014, mais de 3.800 mortes foram registradas no continente americano.

“Esses números são um recado triste sobre a falta de opções para mobilidade segura e legal, que empurra pessoas para caminhos invisíveis e perigosos, as colocando em situações de grande perigo”, disse Frank Laczko, diretor do Centro de Análise de Dados da OIM. “A perda de vidas nunca deve ser normalizada ou tolerada como um risco assumido de migração irregular”, completou.

A região que na fronteira do México com os Estados Unidos é uma das mais mortais para os migrantes, com o número de mortes crescendo a cada ano. O Projeto de Migrantes Desaparecidos já documentou 2.403 mortes na região desde 2014, incluindo 497 em 2019.

A maior parte das mortes são registradas nas águas do Rio Bravo, também chamado de Rio Grande, que corre ao longo da fronteira do estado do Texas com os estados mexicanos de Tamaulipas, Nuevo León e Coahuila, e onde 109 pessoas perderam suas vidas no ano passado.

Esses dados representam um aumento de 26% nas mortes documentadas em 2018, que chegaram a 86.

Muitas pessoas também tentam cruzar os regiões remotas e acidentadas no deserto do Arizona, onde pelo menos 171 pessoas morreram em 2019 – um aumento de 29% das 133 mortes registradas na área em 2018.

Os dados do Projeto são compilados pela equipe da OIM, com base no Centro de Análise de Dados de Migração Global, mas também provêm de outras fontes, sendo algumas não oficiais.

Estados Unidos – Em novembro, a OIM divulgou uma estimativa de que, em 2019, cerca de 270 milhões de migrantes estavam cruzando fronteiras internacionais e, para cerca de 51 milhões, os Estados Unidos é considerado o destino mais desejado.

Noticiários têm mostrado cenas de pessoas desesperadas em busca de asilo, ao ponto de abandonarem seus filhos nas fronteiras com a esperança de que pudessem ter uma vida melhor. Alguns pais chegam a enviar seus filhos desacompanhados através das fronteiras para se renderem a agentes dos EUA.

FONTE: <https://missingmigrants.iom.int/>



## **Violência interpessoal e resultados de saúde mental após desastres**

### **fundo**

Os desastres representam um risco documentado para a saúde mental, com uma variedade de fatores per e pós-desastre (pré-existentes e precipitados) associados a resultados adversos. Entre eles, atenção empírica crescente está sendo dada à relação entre desastres e violência.

### **Objetivos**

Este estudo examinou experiências auto-relatadas de vitimização por agressão ou violência entre comunidades afetadas por severidade alta, média e baixa após os incêndios florestais de 2009 em Victoria, Austrália. A associação entre violência, resultados em saúde mental e uso indevido de álcool também foi investigada.

## **Método**

Participaram 1.016 adultos de comunidades de alto, médio e baixo nível de 3-4 anos após um desastre na Austrália. As taxas de violência relatada foram comparadas por áreas afetadas pelos incêndios. Modelos de regressão logística foram aplicados separadamente a homens e mulheres para avaliar a experiência da violência na previsão de transtorno de estresse pós-traumático geral e relacionado ao fogo, depressão e uso indevido de álcool.

## **Resultados**

Os relatos de violência foram significativamente maiores entre as regiões afetadas por incêndios florestais altos, em comparação com as regiões afetadas por incêndios florestais baixos. As análises indicaram que a relação significativa entre afetação ao desastre e violência foi observada apenas para mulheres, com taxas de 1,0, 0 e 7,4% em áreas afetadas por fogo baixo, médio e alto, respectivamente. Entre as mulheres que vivem em áreas afetadas por incêndios, mudanças negativas na renda foram associadas a uma maior probabilidade de sofrer violência (odds ratio, 4,68). Para as mulheres, a violência pós-desastre foi associada a distúrbios de estresse pós-traumático mais graves e sintomas de depressão.

## **Conclusões**

As mulheres residentes em comunidades afetadas por incêndios florestais experimentaram os mais altos níveis de violência. Essas experiências de violência pós-desastre estão associadas a mudanças de renda pós-desastre e a distúrbios de estresse pós-traumático e sintomas de depressão entre mulheres. Essas descobertas têm implicações críticas para a avaliação e intervenções para mulheres que sofrem ou correm o risco de violência pós-desastre.

**FONTE:** [https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/FE519D59C68BCE944AE4A88884A157C5/S2056472419000826a.pdf/interpersonal\\_violence\\_and\\_mental\\_health\\_outcomes\\_following\\_disaster.pdf](https://www.cambridge.org/core/services/aop-cambridge-core/content/view/FE519D59C68BCE944AE4A88884A157C5/S2056472419000826a.pdf/interpersonal_violence_and_mental_health_outcomes_following_disaster.pdf)



## **Calor nas cidades: impactos das ondas de calor e medidas para mitigar riscos**

Em um clima em mudança, muitas cidades estão experimentando temperaturas mais altas e ondas de calor mais frequentes e severas. Os seis infográficos a seguir,

do projeto ATLAS (Adaptation Thought Leadership and Assessment), financiado pela USAID, destacam as principais mensagens sobre ondas de calor nas cidades, incluindo os impactos das ondas de calor e a vulnerabilidade ao calor, bem como as medidas que as cidades podem adotar para entender e mitigar os riscos de calor. Os infográficos foram desenvolvidos em parceria com o Centro Climático do Crescente Vermelho da Cruz Vermelha e apoiam o Guia de Ondas de Calor para as Cidades, que oferece aos planejadores urbanos e às autoridades da cidade um resumo abrangente de ações para reduzir o perigo de ondas de calor.

FONTE:<https://www.climatecentre.org/downloads/files/IFRCGeneva/RCCC%20Heatwave%20Guide%202019%20A4%20RR%20ONLINE%20copy.pdf>

FONTE:<https://www.climatelinks.org/projects/atlas>

**Impactos do calor extremo: mortal, em ascensão global e evitável**

FONTE:[https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020\\_USAID\\_ATLAS\\_HeatHealth\\_ImpactsofExtremeHeat.pdf](https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020_USAID_ATLAS_HeatHealth_ImpactsofExtremeHeat.pdf)

**Planejamento urbano estratégico para diminuir os riscos de calor**

FONTE:[https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020\\_USAID\\_ATLAS\\_HeatHealth\\_StrategicUrbanPlanning.pdf](https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020_USAID_ATLAS_HeatHealth_StrategicUrbanPlanning.pdf)

**Pouco estudado, superexposto: lacunas na pesquisa de impacto térmico nas regiões mais vulneráveis**

FONTE:[https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020\\_USAID\\_ATLAS\\_HeatHealth\\_UnderstudiedOverexposed.pdf](https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020_USAID_ATLAS_HeatHealth_UnderstudiedOverexposed.pdf)

**Dentro da onda de calor: o que as cidades devem fazer**

FONTE:[https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020\\_USAID\\_ATLAS\\_HeatHealth\\_WhatCitiesShouldDo.pdf](https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020_USAID_ATLAS_HeatHealth_WhatCitiesShouldDo.pdf)

**Trabalhando juntos: a equipe de calor da cidade [ext. ligação]**

FONTE:[https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020\\_USAID\\_ATLAS\\_HeatHealth\\_WorkingTogether.pdf](https://www.climatelinks.org/sites/default/files/asset/document/2020_USAID_ATLAS_HeatHealth_WorkingTogether.pdf)



**As ameaças de ondas de calor raramente são uma prioridade urbana, mesmo quando os riscos aumentam**

*Por Laurie Goering*

Nos dias em que as temperaturas atingem picos preocupantes - um problema crescente na Cidade do Cabo à medida que a mudança climática ocorre - descobrir como manter as pessoas frescas pode ser um desafio.

A cidade sul-africana, conhecida por seu clima moderado, possui poucos aparelhos de ar condicionado. É cercada pelo mar - mas a maioria das pessoas não sabe nadar, tornando arriscado o mergulho, disse Amy Davison, que trabalha na estratégia ambiental para o governo da cidade da Cidade do Cabo.

Uma seca brutal que forçou esforços dramáticos para reduzir o uso da água significa que metade das piscinas da cidade está fechada. Construir parques com jatos d'água - diversão para as crianças, seguro para todos e um uso mais criterioso da água - pode fazer sentido, mas não quando a cidade está lutando apenas para manter as torneiras fluindo, disse Davison.

Isso deixa muitas pessoas - principalmente os pobres da cidade - lotadas na parte rasa das poucas piscinas abertas nos dias quentes; se elas conseguem chegar a uma, algo que muitas das favelas com telhado de zinco da cidade nunca conseguirão.

A Cidade do Cabo, no extremo sul da África, pode ser mais conhecida pelas nuvens que cobrem a Table Mountain do que pelo calor escaldante, mas agora está procurando maneiras de se manter fresco, pois as mudanças climáticas trazem picos de temperatura cada vez mais altos.

No entanto, muitas cidades que não sofreram particularmente com o calor no passado - embora possam em breve - não estão tão preocupadas com os riscos, disse Meggan Spiers, do Conselho Internacional para Iniciativas Ambientais Locais (ICLEI), cujo capítulo africano é baseado na Cidade do Cabo. .

Em grande parte da África "nossas autoridades municipais não priorizam o calor como uma questão importante", disse ela. "Quando você pergunta aos funcionários com o que eles querem lidar, o calor quase nunca chega".

### **Não se preocupe**

Um problema, disse Eddie Jjemba, que trabalha no Centro Climático do Crescente Vermelho da Cruz Vermelha, é que as pessoas que vivem em lugares quentes costumam estar convencidas de que são capazes de lidar com futuros extremos de calor.

"As pessoas dizem que estamos acostumados ao calor. Não é uma barreira para nós", disse Jjemba. Ele se lembra de ter conversado sobre o assunto com um homem de Uganda que observou que, na sua opinião, "o calor é apenas um problema para a Europa".

Mas as ondas de calor já são um risco maior em muitas cidades do que as pessoas imaginam, disseram especialistas no fórum de mudanças climáticas do Adaptation Futures, que será realizado na Cidade do Cabo nesta semana.

Entre 1980 e 2013, por exemplo, as ondas de calor representaram menos de 1% dos "riscos naturais" enfrentados pelas pessoas que vivem na Europa, disse Eliska Lorencova, do Global Change Research Institute da Academia Tcheca de Ciências.

Mas as ondas de calor causaram 67% de todas as mortes causadas por esses perigos durante esse período, disse ela.

Tais taxas de mortalidade devem ser fáceis de reduzir, disse Erin Coughlan, uma cientista climática do Centro Climático do Crescente Vermelho da Cruz Vermelha, principalmente porque as ondas de calor são geralmente previsíveis, dando tempo para um aviso prévio.

Aumentar o calor "é uma das projeções mais óbvias, cuidadosamente estudadas e confiantes que temos para o futuro", disse ela. "O calor deve ser absolutamente uma das coisas mais importantes da agenda" para reduzir os riscos relacionados ao clima.

Mas convencer as pessoas - e os governos - a assumirem seriamente o risco pode ser um desafio.

### **Riscos do envelhecimento**

Os estudos mostram claramente que os idosos são um grupo com risco particularmente alto de ondas de calor, geralmente porque já têm problemas de saúde subjacentes, disse Coughlan.

Mas entrevistas de pesquisadores com idosos na Grã-Bretanha, por exemplo, mostraram que quase ninguém se considera idoso - mesmo pessoas com mais de 80 anos.

Remodelar as mensagens sobre o risco de calor, visando direcioná-las a adultos mais velhos do que idosos, pode ajudar mais pessoas a entender que estão em risco, disseram especialistas.

Também em lugares já úmidos como a Austrália, "os idosos passaram por várias ondas de calor e não têm percepção dos riscos", disse Louise McKenzie, do City Futures Research Center da Universidade de New South Wales.

O que pode ajudar a diminuir os riscos, disseram especialistas na conferência, está ajudando os governos a entender que um risco previsível é relativamente barato de se lidar - através de tudo, desde abrir piscinas antes das ondas de calor até plantar mais árvores na cidade - em vez de esperar pelo calor fez com que os pacientes começassem a aparecer nos hospitais.

Retornar às formas tradicionais de resfriamento de edifícios que foram abandonados com a invenção do ar-condicionado - como alinhar portas e janelas para permitir a passagem da brisa - também pode ajudar, assim como manter um olhar particular sobre os riscos nas áreas de favelas que, com sua densa, habitualmente com telhado de zinco, podem apresentar um enorme risco de calor, disseram eles.

É preciso fazer mais trabalho para atribuir mais claramente as mortes por calor às ondas de calor - algo que hoje é um problema, já que a maioria das mortes por calor é atribuída a outras causas mais imediatas, como ataques cardíacos, disseram os especialistas.

Na Cidade do Cabo, as autoridades da cidade estão desenvolvendo planos para resfriar a cidade em períodos quentes com a nova "infraestrutura" verde, particularmente mais árvores.

Tais planos podem trabalhar em estreita colaboração com outros esforços, disse Davison, como proteger bacias hidrográficas e pântanos para reduzir os riscos de inundações.

"Já somos uma parte bastante quente do mundo", disse ela, com o número de dias atingindo mais de 35 graus Celsius (95 graus Fahrenheit) agora em ascensão.

**A boa notícia é: "nosso departamento de gerenciamento de desastres reconhece o calor como um problema de saúde pública, um risco. Ninguém está negando isso".**

FONTE: <http://news.trust.org//item/20180621143545-us30m/>



## Visão geral da redução de riscos de desastres na Ásia-Pacífico 2019

Em 2019, a Visão Mundial na Ásia-Pacífico alcançou 811.400 pessoas e 465.300 crianças, em 17 países, através de uma série de intervenções programáticas de RRD, que incluem: Aviso Prévio e Ação Precoce, Iniciativas de **Escola Segura**, Desastre com Base na Comunidade, Gerenciamento de Riscos, Adaptação às Mudanças Climáticas, Meios de subsistência resilientes, RRD focada na criança (CFDRR) pós-desastre, fortalecimento e capacidade de resiliência.

FONTE: [https://www.wvi.org/sites/default/files/2020-01/AsiaPacific\\_DRROverview\\_FY19\\_External.pdf](https://www.wvi.org/sites/default/files/2020-01/AsiaPacific_DRROverview_FY19_External.pdf)



## Uma estrutura de monitoramento e avaliação para programas de recuperação de desastres (Versão 2 - maio de 2018)



É necessária uma Estrutura de Monitoramento e Avaliação (a Estrutura) para garantir que os programas de recuperação de desastres possam ser avaliados quanto à sua eficácia. Ao melhorar a qualidade das avaliações de recuperação de desastres, os governos poderão melhorar os programas subsequentes de recuperação de desastres, na medida em que os aprendizados dessas avaliações sejam incorporados ao design e fornecimento do programa.

Essa Estrutura foi desenvolvida em resposta à recomendação 6 da Revisão da Commonwealth e dos pagamentos de alívio e recuperação de estados / territórios: reporte ao COAG / SCPEM do Subcomitê de Recuperação do Comitê de Gerenciamento de Emergências da Austrália-Nova Zelândia (2012), que foi endossado pelo COAG em 2012.

Entre outras lacunas e questões, o relatório destacou que “as jurisdições e a Commonwealth não medem ou relatam a eficácia de seus programas [de assistência em desastres]”. Da mesma forma, a Estratégia Nacional de Resiliência a Desastres (COAG 2011) destaca a crescente incidência e custo de desastres na Austrália. Para lidar melhor com a crescente incidência de desastres, a Estratégia Nacional afirma uma resposta cooperativa que enfatiza a responsabilidade compartilhada e capacita as comunidades.

FONTE: <https://knowledge.aidr.org.au/media/5967/a-monitoring-and-evaluation-framework-for-disaster-recovery-programs-v2.pdf>



## **Clima e deslocamento de desastres: a importância das leis e políticas de desastres - Factsheet**

Este informativo fornece uma visão geral e recomendações sobre a importância da Lei e Política de Desastres para lidar com o deslocamento no contexto de desastres e mudanças climáticas.

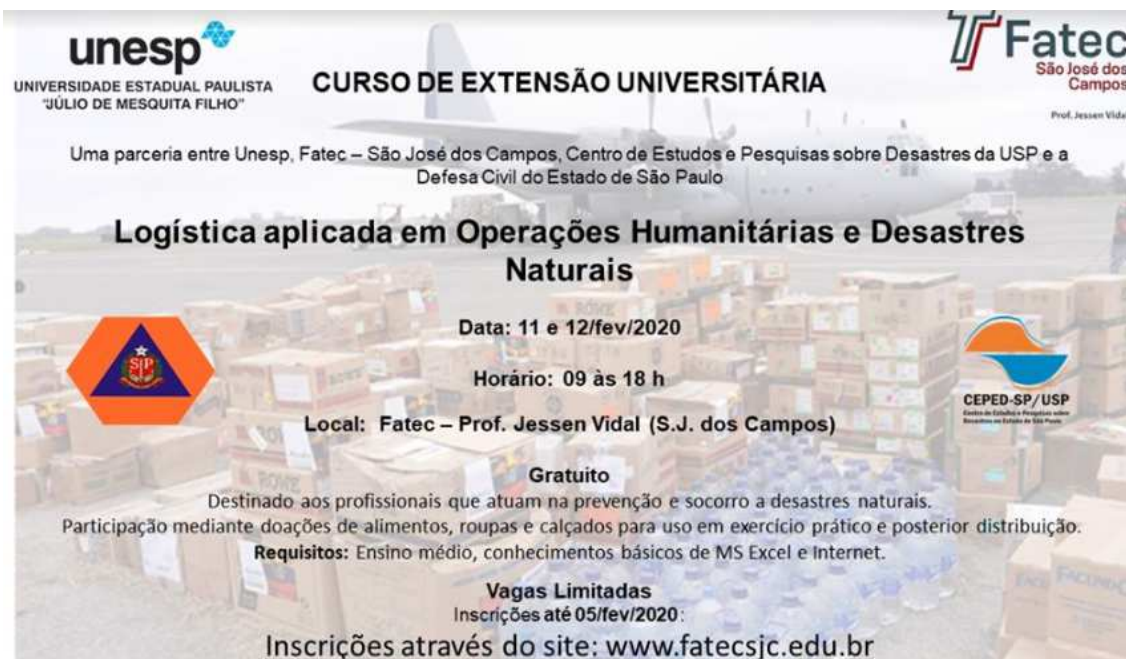
A lei e a política de desastres são um aspecto integral, mas muitas vezes sub-explorado, da abordagem integrada necessária para lidar com o deslocamento climático, incluindo as realocações planejadas.

A maioria dos países possui algum tipo de sistema de gerenciamento de riscos de desastres, sustentado por uma ou mais leis. Essas estruturas estabelecem a base legal para todos os aspectos do gerenciamento de riscos de desastres, desde a redução de riscos até a preparação, resposta e recuperação e fornecem o ambiente propício para ações posteriores. A lei de desastres ajuda a esclarecer papéis, responsabilidades e mecanismos de coordenação para o gerenciamento de riscos de desastres em todos os setores, bem como do nível nacional para o local.

Usadas de maneira eficaz, a lei e a política de desastres podem apoiar abordagens e mecanismos institucionais mais integrados para a coordenação do deslocamento entre setores e do nível nacional para o comunitário. Eles também podem exigir o envolvimento de populações em risco, como populações deslocadas ou em risco de deslocamento, para se envolverem na análise de riscos, planejamento e tomada de decisão.

**FONTE:**<https://knowledge.aidr.org.au/media/5967/a-monitoring-and-evaluation-framework-for-disaster-recovery-programs-v2.pdf>

## EVENTOS



**unesp**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

**Fatec**  
São José dos Campos  
Prof. Jessen Vidal

**CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA**

Uma parceria entre Unesp, Fatec – São José dos Campos, Centro de Estudos e Pesquisas sobre Desastres da USP e a Defesa Civil do Estado de São Paulo

**Logística aplicada em Operações Humanitárias e Desastres Naturais**

**Data:** 11 e 12/fev/2020

**Horário:** 09 às 18 h

**Local:** Fatec – Prof. Jessen Vidal (S.J. dos Campos)



**Gratuito**

Destinado aos profissionais que atuam na prevenção e socorro a desastres naturais.  
Participação mediante doações de alimentos, roupas e calçados para uso em exercício prático e posterior distribuição.

**Requisitos:** Ensino médio, conhecimentos básicos de MS Excel e Internet.

**Vagas Limitadas**  
Inscrições até 05/fev/2020:

**Inscrições através do site:** [www.fatecsjc.edu.br](http://www.fatecsjc.edu.br)





**SOLENIDADE  
DE 44 ANOS  
DA DEFESA CIVIL**

10 DE FEVEREIRO DE 2020, ÀS 14h 30  
PALÁCIO DOS BANDEIRANTES, 1º ANDAR  
AV. MORUMBI Nº 4.500

## **INFORMAÇÕES**

### **PROMOTOR BRASIL**

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

### **CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO**

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

### **REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA**

<http://www.cidadesresilientes.net/>

### **PREVENTIONWEB**

<http://www.preventionweb.net/english/>

### **SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL**

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>